CIP — Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Klein, Melanie, 1882-1960.
K72c Contribuições à psicanálise / Melanie Klein; [traduzido por
2. ed. Miguel Maillet]. — 2. ed. — São Paulo : Mestre Jou, 1981.

Bibliografia.

1. Psicanálise 2. Psicanálise infantil I. Título.

CDD-616.8917
-618.928917
NLM-WM 460
-WS 350
81-1041

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise : Medicina 616.8917
2. Psicanálise infantil : Medicina 618.928917

BIBLIOTECA DO IEPP

MELANIE KLEIN

1,35

CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE

BIBLIOTECA DO IEPP

EDITORA MESTRE JOU
São Paulo

13

UMA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DA INIBIÇÃO INTELECTUAL

1931

PRETENDO tratar agora de alguns mecanismos da inibição intelectual e começarei com um rápido resumo da análise de um menino de sete anos, ocupando-me dos principais pontos de duas sessões analíticas sucessivas. A neurose do menino consistia, por uma parte, de sintomas neuróticos, por outra parte, de dificuldades de caráter e, também, de inibições intelectuais bastante graves. No momento em que tiveram lugar as duas sessões que pretendo descrever, o menino já passara por um tratamento de mais de dois anos e o material em questão fora submetido a considerável análise. Em geral, a inibição intelectual diminuíra gradativamente até certo ponto durante este período, mas foi somente nestas duas sessões que se esclareceu a conexão desse material com uma de suas dificuldades especiais a respeito da aprendizagem. O resultado foi uma notável melhoria no concernente às suas inibições intelectuais.

O menino se queixava que não podia distinguir entre si certas palavras francesas. Na escola, havia um quadro com diversos objetos, para ajudar os meninos a compreenderem as palavras. As palavras eram: **poulet**, frango; **poisson**, peixe; **glace**, o gelo. Sempre que lhe perguntavam o que significava uma dessas palavras, respondia invariavelmente dando o significado de uma das outras duas; por exemplo, se lhe perguntavam **poisson**, respondia gelo, **poulet**, respondia peixe, e assim por diante. Sentia-se bastante desesperado e dizia que nunca poderia aprender o significado

exato. Obtive esses dados do menino pelo processo comum de associação de idéias; ao mesmo tempo, ele brincava despreocupadamente na sala.

Perguntei-lhe, em primeiro lugar, em quê **poulet** lhe fazia pensar. Deitou-se de costas sobre a mesa, balançando as pernas e desenhando com um lápis num pedaço de papel. Pensou numa raposa introduzindo-se num galinheiro. Perguntei-lhe a que horas isto podia acontecer e, em vez de dizer 'de noite', respondeu-me 'às quatro horas da tarde', hora em que sabia que, muitas vezes, sua mãe estava fora de casa. 'A raposa entra e mata um pintinho' e, enquanto dizia isto, rasgou o desenho que fizera. Perguntei-lhe o que tinha desenhado e ele respondeu: 'Não sei'. Quando examinei o desenho, percebi que era uma casa, cujo teto ele havia cortado. Compreendeu que ele mesmo era a raposa, que o pinto era seu irmãozinho e que o momento em que a raposa entrava era precisamente quando sua mãe saía.

Eu já acumulara bastante observações relacionadas com seus fortes impulsos agressivos e suas fantasias de atacar o irmão mais novo dentro do ventre da mãe, enquanto estava grávida e depois do parto, e também no que diz respeito à intensa carga de culpabilidade ligada a tais impulsos e fantasias.[1] O irmão mais novo tem, agora, aproximadamente quatro anos; quando ele era criancinha nova, o meu paciente, John, sentira uma apavorante tentação de ficar a sós com ele, quando mais não fosse, por apenas um minuto; ainda agora, quando a mãe está fora, percebemos que seus desejos ainda funcionam. Isto era devido, em parte, ao seu intenso ciúme do bebê, que desfrutava do seio da mãe.

Perguntei-lhe o que **poisson** lhe fazia pensar e ele começou a espernear com mais violência, levando as tesouras perto dos olhos e procurando cortar o cabelo, de modo que tive de pedir-lhe que me devolvesse as tesouras. Quanto ao **poisson**, respondeu que peixe frito era muito bonito e que gostava desse prato. Então começou de novo a desenhar, desta vez um hidroavião e um navio. Não consegui nenhuma

[1] Estas tendências para com irmão mais jovem, contribuíram em grande parte a perturbar suas relações com o irmão mais velho, que tinha quatro anos mais do que ele, e no qual pressupunha a existência de intenções similares para com ele, John.

outra associação de idéias com peixe e passei então ao gelo. Quanto ao gelo, ele disse: 'Um grande pedaço de gelo é bonito e branco, a princípio é cor de rosa e, afinal, vermelho'. Perguntei-lhe por que o gelo fazia isto e ele respondeu: 'Ele derrete'. 'Como assim?'. 'O sol brilha sobre ele'. Neste ponto, o menino demonstrou bastante ansiedade e nada mais pude conseguir. Cortou em pedaços o barco e o hidroavião e procurou ver se podiam flutuar na água.

No dia seguinte, demonstrou ansiedade e disse que tivera um sonho mau. 'O peixe era um caranguejo. O menino estava sentado no cais, num lugar onde estivera muitas vezes com sua mãe. Supunha-se que ele devia matar um enorme caranguejo, que saía da água em direção ao cais. Deu-lhe um tiro com seu revolverzinho e o matou com sua espada, que não era muito boa. Logo que matou o caranguejo, teve que continuar matando outros e outros mais, que continuavam saindo da água'. Perguntei-lhe por que tinha de matá-los e respondeu que era para impedir que eles entrassem no mundo, onde matariam toda a gente. Logo que começamos a conversar sobre este sonho, deitou-se sobre a mesa, na mesma posição que no dia anterior e se pôs a espernear mais do que nunca. Perguntei então por que dava pontapés e ele respondeu: 'Estou flutuando na água e os caranguejos me cercam de todos os lados'. No dia anterior, as tesouras tinham representado os caranguejos que o mordiam e cortavam e, por isso, desenhara um navio e um hidroavião, em que pudesse escapar. Disse-lhe que ele estivera num cais e ele respondeu: 'Sim, mas eu caí na água faz muito tempo'. Os caranguejos queriam sobretudo apoderar-se de uma posta de carne que estava na água e que se parecia com uma casa. Era um pedaço de carneiro, sua carne predileta. Acrescentou que os caranguejos nunca haviam estado dentro, mas que podiam entrar pelas portas e janelas. Toda esta cena aquática representava as entranhas da sua mãe, e o seu próprio corpo. Os caranguejos representam o pênis do seu pai e formavam legião. Eram do tamanho de elefantes, pretos por fora e vermelhos por dentro. Eram pretos porque ninguém os fizera pretos e tudo se tornara preto na água. Haviam entrado na água no outro lado do mar. Alguém que queria enegrecer as águas ali os colocara. Aconteceu que os caranguejos representavam não somente o pênis do pai, mas também suas próprias fezes. Um deles não era maior

que uma lagosta e era vermelho por dentro e por fora. Representava seu próprio pênis. Havia também muito material que mostrava a identificação das suas fezes com animais perigosos que, por ordem sua (por uma espécie de magia) podiam penetrar no corpo da mãe, danificar e envenenar tanto a ela como o pênis do pai.

Creio que este material lança alguma luz sobre a teoria da paranóia. Posso tratar desse ponto apenas de passagem; mas sabemos que Van Ophuijsen [2] e Stärcke [3] reportaram o 'perseguidor' à idéia inconsciente que o paranóico faz do seu próprio excremento endurecido (**scybalum**) nas entranhas, que identifica como sendo o pênis do perseguidor. Tanto o caso em discussão, como a análise de muitas crianças e adultos me levaram a crer que o medo que uma pessoa tem das suas fezes como 'perseguidor', deriva em última instância das suas fantasias sádicas, nas quais emprega sua urina e suas fezes como armas venenosas e destrutivas em seus ataque ao corpo da mãe. Nestas fantasias, converte suas próprias fezes em coisas que perseguem seus objetos e, por uma espécie de mágica (que na minha opinião é a base da magia negra) empurra-as secreta e cautelosamente no ânus e noutros orifícios dos objetos e os aloja dentro dos seus corpos. Por ter feito isto, sente medo dos seus próprios excrementos como substância perigosa que está prejudicando seu próprio corpo; também sente medo dos excrementos, introjetados dentro dele, dos seus objetos, já que espera que estes últimos lhe façam ataques secretos similares, por meio das suas perigosas fezes. Estes temores engendram o terror de ter uma série de perseguidores dentro do corpo e de ser envenenado; também dão origem a temores hipocondríacos. O ponto de fixação da paranóia está situado, segundo acredito, no período da fase de sadismo máximo, no qual a criança leva a cabo seus ataques às entranhas da mãe e ao pênis do pai que supõe ali estar, por meio de suas fezes transformadas em animais ou substâncias venenosas e perigosas. [4]

---

[2] *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. I, 1920.

[3] *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. V, 1919.

[4] Ver o capítulo "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego". O conceito ali apresentado está de acordo com a teoria de Abraham segundo a qual, nos paranóicos, a libido efetuou uma repressão ao primeiro estágio anal; pois a fase do desenvolvimento em que o sadismo alcança seu ponto máximo começa, em minha opinião, com a emergência dos instintos sádico-orais e finaliza com o declínio do primeiro estágio anal. Este período da fase que tem sido descrito mais acima e que, no meu entender, forma a base da paranóia, surgiria, por conseguinte, na época em que predomina o primeiro estágio anal. Desta forma, a teoria de Abraham se amplificaria em duas direções. Em primeiro lugar, vemos que há uma cooperação intensa dos diversos instrumentos do sadismo da criança nesta fase e, especialmente, além do seu sadismo oral, que enorme importância deve ser atribuída às suas até então pouco reconhecidas tendências sádicas-uretrais, para reforçar e elaborar suas tendências sádico-anais. Em segundo lugar, obtemos uma compreensão mais detalhada da estrutura das fantasias em que se expressam seus impulsos sádico-anais pertencentes ao primeiro estágio.

Uma vez que, como resultado dos seus impulsos sádico-uretrais, o menino considera a urina como algo perigoso que queima, corta e envenena, já está preparado o caminho para que pense no pênis como coisa sádica e perigosa. E suas fantasias a respeito do **scybalum** como perseguidor — fantasias formadas sob o predomínio das tendências sádico-anais e que, até onde se pode perceber, precedem a idéia do pênis perigoso como perseguidor — também tendem para a mesma direção, em virtude do fato que ele equipara pedaços de excremento ao pênis. Em conseqüência da equação entre ambos, as perigosas propriedades das fezes servem para aumentar o caráter perigoso e sádico do pênis, e do objeto perseguidor, que está identificado com estes.

Neste caso os caranguejos representavam uma combinação das fezes perigosas e dos pênis perigosos do menino e do seu pai. Ao mesmo tempo, o menino sentia-se responsável pelo emprego de todos esses instrumentos e fontes de destruição, pois eram seus próprios desejos sádicos contra seus pais em copulação que transformavam o pênis do pai e seus excrementos em animais perigosos, de modo que seu pai e sua mãe se destruíam reciprocamente. Em sua imaginação, John também havia atacado o pênis do pai com suas próprias fezes, tornando-o assim mais perigoso que antes; e havia posto suas próprias fezes perigosas dentro do corpo da sua mãe.

Perguntei-lhe, novamente, o que lhe fazia pensar a palavra **glace** (gelo, em francês) e ele começou a falar de um copo (**glass**, em inglês); dirigiu-se então à torneira e bebeu um copo d'água. Disse que era água de cevada — que muito

aprecia — e falou a respeito de um copo que apresentava 'pedacinhos quebrados', querendo referir-se às taças de cristal lapidado. Disse que o sol havia estragado esse copo, como estragara o bonito pedaço de gelo a que ontem se referira. O sol atirou no copo e estragou também toda a água de cevada — disse ele. Quando lhe perguntei como o sol havia disparado no copo, respondeu: 'Com seu calor'.

Enquanto dizia isto, escolheu um lápis amarelo, entre vários que estavam à sua frente e começou a fazer pontos e orifícios num pedaço de papel, que ficou finalmente em tiras. Começou então cortar o lápis com o canivete, raspando a camada amarela externa. O lápis amarelo representava o sol, que simbolizava seu pênis e sua urina ardentes. (Também por associação verbal, a palavra 'sun' representava para ele o 'son'). (**N. do trad.** Estas palavras inglesas entre aspas significam, respectivamente, 'sol' e 'filho' e a sua pronúncia é idêntica). Em várias sessões analíticas, o menino tinha queimado pedaços de papel, fósforos e caixas de fósforos e, ao mesmo tempo ou alternadamente, atirado água sobre eles, encharcando-os ou cortando-os em pedaços. Estes objetos representavam o seio da sua mãe ou toda a sua pessoa. Também quebrara repetidamente copos e vasos no quarto de brincar. Representavam o seio da mãe e o pênis do pai.

O sol tinha outro significado mais, como pênis sádico do pai. Enquanto estava cortando o lápis, disse uma palavra constituída do verbete 'go' ('ir') e do nome de batismo do seu pai. Assim, o copo era destruído tanto pelo filho como pelo pai; representava o seio, e a água de cevada representava o leite. O grande bloco de gelo que tinha o tamanho da casa de carne, representava o corpo da sua mãe; estava derretido e arruinado pelo calor do menino e pelo pênis e a urina do pai; e quando se tornava rubro, isto simbolizava o sangue da mãe ferida.

John mostrou-me um cartão de Natal com a figura de um buldogue e de um pinto morto, vítima do cachorro. Ambos estavam pintados de marrom. Disse o menino: 'Eu sei, são todos a mesma coisa, o pinto, o gelo, o copo e os caranguejos'. Perguntei-lhe por que eram todos a mesma coisa e respondeu: 'Porque são todos marrons e estão quebrados e mortos'. Este era o motivo porque não pudera distinguir entre essas várias coisas, porque todas estavam mortas; ele

matara todos os caranguejos, mas os franguinhos, que representavam os bebês, o gelo e o copo, que representavam a mãe, estavam sujos e machucados, ou também mortos.

Depois disto, na mesma sessão analítica, começou a desenhar linhas paralelas que ora se alargavam, ora se estreitavam. Era o símbolo mais claro possível da vagina. Colocou então sua pequena locomotiva sobre ela, conduzindo-a, sobre as linhas, até à estação. Estava muito aliviado e contente. Sentia agora que podia ter relação sexual simbolicamente com a mãe; ao passo que, antes desta análise, o corpo da mãe era, para ele, um lugar de horrores. Isto parece concordar com o que se pode ver confirmado na análise de todo homem, ou seja, que o seu temor ao corpo da mulher, como lugar cheio de destruição, pode ser uma das causas principais de perturbação da potência. Mas esta angústia é também um fator básico de inibição do impulso epistemológico, já que o interior do corpo da mãe é o primeiro objeto desse impulso; na fantasia, é explorado e investigado, e também atacado com todo o armamento sádico, incluindo o pênis como arma perigosa e ofensiva, e esta é outra causa da impotência subseqüente nos homens: penetrar e explorar são, em larga medida, sinônimos para o inconsciente. Por este motivo, depois da análise da sua ansiedade relacionada com seu próprio pênis sádico e o do seu pai — o pontiagudo lápis amarelo equiparado ao sol abrasador — John foi muito mais capaz de representar-se a si mesmo simbolicamente em coito com a mãe e investigando o seu corpo. No dia seguinte, ele já pôde olhar com atenção e interesse para o quadro pendurado na parede da escola e distinguir facilmente uma palavra de outra.

J. Strachey mostrou[5] que a leitura tem o significado inconsciente de tomar conhecimento do corpo da mãe e que o temor de roubá-la é fator importante para as inibições na leitura. Desejaria acrescentar que é essencial para um desenvolvimento favorável do desejo de conhecimento, que se sinta que o corpo da mãe está bem e não machucado. Representa, no inconsciente, o tesouro de tudo o que é desejável e que só ali pode ser conseguido; por conseguinte, se não

[5] "Some Unconscious Factors in Reading", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XI, 1930.

está destruído, se não está por demais em perigo e, portanto, se ele mesmo não é tão perigoso, é possível levar mais facilmente a cabo o desejo de extrair dele alimento para a mente.

Quando descrevi a luta que John fantasiava dentro do corpo da mãe com o pênis do pai (caranguejos) — na realidade com um enxame deles — assinalei que a casa de carne, na qual, aparentemente, não haviam irrompido e onde John procurava impedir que entrassem, representava não somente o interior do corpo da sua mãe, mas também o seu próprio interior. Suas defesas contra a angústia aí se expressavam sob a forma de elaborados deslocamentos e reversões. A princípio, o que ele comia era um excelente peixe frito. Depois, convertia-se em caranguejo. Na primeira versão sobre o caranguejo, o menino estava parado no cais, procurando impedir que os caranguejos se arrastassem fora da água. Aconteceu, porém, que ele mesmo se sentia dentro da água e ali — dentro da sua mãe — à mercê do seu pai. Nesta versão, procurava ainda sustentar a idéia de que estava impedindo que os caranguejos entrassem na casa de carne, mas o seu temor mais profundo era de que os caranguejos **já houvessem** ali penetrado e a estivessem destruindo; seus esforços eram para retirá-los novamente. Tanto o mar como a casa de carne representavam o corpo da sua mãe.

Devo indicar agora outra fonte de ansiedade, que está intimamente ligada com a idéia de destruir a mãe, e mostrar como influi nas inibições espirituais e perturbações no desenvolvimento do ego. Isto se liga ao fato de que a casa de carne não era só o corpo da mãe, mas o seu próprio. Temos aqui uma representação das mais recuadas situações de angústia que surgem em ambos os sexos, como resultado do impulso sádico-oral de devorar os conteúdos do corpo da mãe, especialmente os pênis que se imagina estarem dentro dele. O pênis do pai, que do ponto de vista oral de sucção é assimilado ao seio, tornando-se assim objeto de desejo [6], é então incorporado e, na fantasia do menino, transforma-se muito rapidamente, em conseqüência dos seus ataques sádicos contra ele, em terrorífico agressor interno, sendo então assemelhado a animais ou armas perigosas e assas-

[6] Isto se demonstra pela sua associação com o excelente peixe frito de que gostava.

sinas. A meu ver, é o pênis do pai introjetado que forma o núcleo do superego paterno.

O exemplo do caso de John mostra: **a)** que a destruição que se imaginou ter sido infligida ao corpo da mãe, é também esperada e imaginada como tendo acontecido em seu próprio corpo; e **b)** como se sente o medo aos ataques no interior do próprio corpo pelos pênis interiorizados do pai e pelas fezes.

Assim como a ansiedade excessiva a respeito da destruição infligida ao corpo da mãe inibe a capacidade de obter uma **concepção clara** do seu conteúdo, assim também, em forma análoga, a angústia relativa às coisas terríveis e perigosas que estão acontecendo dentro do próprio corpo, pode suprimir toda investigação sobre ele; e isto é, novamente, um fator da inibição intelectual. [7] Exemplificando com o caso de John: no dia seguinte ao da análise do sonho do caranguejo, ou seja, no dia em que se achou, de repente, capaz de distinguir as palavras francesas, John começou a análise, dizendo: 'Vou despejar a minha gaveta'. Era a gaveta em que guardava os brinquedos que utilizava durante a análise; por vários meses, ali atirara toda sorte de resíduos, pedaços de papel, coisas coladas com goma, restos de sabonete, pedaços de barbante etc., sem nunca se decidir a fazer uma limpeza.

Desta vez despejou todo o conteúdo da gaveta e separou as coisas inúteis ou quebradas. No mesmo dia, numa gaveta da sua casa, encontrou a sua caneta-tinteiro que durante meses estivera perdida. Desta forma simbólica, tinha olhado

[7] Num ensaio publicado há alguns anos e que figura neste volume sob o título "Análise Infantil", examinei uma forma especial de inibição da capacidade de estabelecer uma imagem do interior do corpo materno, compreendendo suas funções especiais de concepção, gravidez e parto: ou seja, distúrbios no sentido de orientação e no interesse pela geografia. Assinalei então, todavia, que o efeito desta inibição pode estender-se muito além, afetar toda a atitude para com o mundo externo e perturbar a orientação em seu sentido mais amplo e metafórico. Desde então, investigações posteriores demonstraram-me que esta inibição se deve ao medo do corpo da mãe, em conseqüência dos ataques sádicos contra ele; e mostraram também que as primeiras fantasias sádicas sobre o corpo da mãe e uma capacidade de elaborar estas fantasias com bom êxito, estendem uma ponte para as relações objetais e a adaptação à realidade, influindo assim, basicamente, na relação posterior do sujeito com o mundo externo.

para dentro do corpo de sua mãe e o tinha restaurado, e também encontrara novamente seu pênis. Mas a gaveta também representava seu próprio corpo, e o seu impulso, agora menos inibido, de familiarizar-se com seu conteúdo, como o mostrou o curso da análise, expressou-se numa cooperação muito maior de sua parte no trabalho analítico e numa observação íntima mais profunda das suas próprias dificuldades. Esta observação íntima mais profunda ('insight') foi o resultado de um avanço no desenvolvimento do seu ego que sucedeu a este fragmento particular da análise do seu superego ameaçador. Pois, como sabemos pela nossa experiência com crianças, especialmente com as mais novas, a análise dos estágios distantes da formação do superego, promove o desenvolvimento do ego, ao diminuir o sadismo do superego e do id.

Mas o que desejo sublinhar, em aditamento a este fato, é a conexão, que se pode observar repetidas vezes na análise, entre a diminuição da ansiedade por parte do ego a respeito do superego, e uma capacidade aumentada na criança em conhecer seus próprios processos intrapsíquicos e de controlá-los com maior eficácia através do seu ego. No caso presente, a limpeza da gaveta representava inspecionar a realidade intrapsíquica. Quando John estava limpando sua gaveta, estava pondo em ordem seu próprio corpo e separando suas próprias propriedades das coisas que ele roubara do corpo da mãe, bem como separando fezes 'más' das fezes 'boas', e objetos 'maus' dos 'bons'. Ao fazer isto, John equiparava os objetos quebrados, estragados e sujos com o objeto 'mau', as fezes 'más' e as crianças 'más', de acordo com o inconsciente, em que o objeto estragado se transforma em 'mau' e perigoso.

Na medida em que John podia agora examinar os diferentes objetos e ver como poderia usá-los e que dano haviam sofrido etc., mostrava-se bastante ousado para enfrentar os estragos imaginados, infligidos por seu superego e o seu id; ou seja, estava levando a cabo uma prova de realidade. Isto permitiu que seu ego funcionasse melhor, ao tomar decisões sobre a serventia das coisas, se podiam ser reparadas ou se deviam ser jogadas fora etc.; ao mesmo tempo, o seu superego e o seu id entraram em maior harmonia e então o seu ego, mais forte, pôde enfrentá-los melhor.

A este respeito, gostaria de voltar mais uma vez ao caso do reencontro da sua caneta-tinteiro. Até agora, interpretamo-lo no sentido de que havia diminuído o temor do menino às qualidades destrutivas e perigosas de seu pênis — em última instância ao seu sadismo — e era capaz de reconhecer a posse de tal órgão.

Esta linha de interpretação nos revela as causas subjacentes, tanto da potência sexual como dos instintos epistemofílicos, uma vez que descobrir e penetrar nas coisas são atividades equiparadas no subconsciente. Além disso, a potência no homem (ou, no caso do menino, as condições psicológicas para tanto) é a base para o desenvolvimento de grande número de atividades, interesses criativos e capacidades.

Mas — e este é o ponto que desejo assinalar — tal desenvolvimento depende de que o pênis se tenha convertido no representante do ego do indivíduo. Nos primeiros estágios de sua vida, o menino considera seu pênis como o órgão executivo do seu sadismo, que, por conseguinte, se converte no veículo dos seus sentimentos primários de onipotência. Por esse motivo e porquê, sendo um órgão externo, pode ser examinado e posto à prova em diversas formas, adquire a significação do seu ego, as funções do seu ego e da sua consciência; enquanto o pênis invisível e interiorizado do seu pai — seu superego — sobre o qual nada pode saber, se converte no representante do seu inconsciente. Se o temor da criança ao seu superego e ao seu id for demasiado poderoso, não somente será incapaz de ter conhecimento do conteúdo do seu corpo e dos seus processos mentais, como também será incapaz de usar o seu pênis em seu aspecto psicológico como órgão regulador e executor do ego, de modo que as funções do seu ego estarão sujeitas a inibições também ao longo dessas linhas.

No caso de John, o encontro da caneta-tinteiro significava não somente que havia reconhecido a existência do seu pênis e o orgulho e prazer que lhe dava, mas que também havia reconhecido a existência do seu próprio ego — atitude que se expressou num maior progresso de desenvolvimento do seu ego e numa ampliação das suas respectivas funções, como também na diminuição do poder do seu superego, que até então dominara a situação.

Em resumo: enquanto o melhoramento da capacidade de John para conceber o estado do interior do **corpo da sua mãe** levou a uma maior capacidade de compreensão e de apreciação do mundo externo, a redução da sua inibição para conhecer realmente o interior do seu **próprio** corpo, conduziu, ao mesmo tempo a uma compreensão mais profunda e a um melhor controle dos seus processos mentais; ele conseguiu então esclarecer e estabelecer a ordem em sua própria mente. O primeiro resultado foi o aumento da capacidade de incorporar conhecimentos; o segundo trouxe consigo melhor capacidade de elaborar, organizar e correlacionar o conhecimento obtido e também de redistribuí-lo, ou seja, devolvê-lo, formulá-lo ou expressá-lo — o que é um progresso no desenvolvimento do ego. Estes dois conteúdos fundamentais da ansiedade (relacionada com o corpo da mãe e com o próprio corpo) condicionam-se mutuamente e reacionam um sobre o outro em cada detalhe, e do mesmo modo a maior liberdade das duas funções de introjeção e extrajeção (ou projeção), resultante da redução da ansiedade proveniente dessas fontes, permite que ambos sejam empregados em forma mais adequada e menos compulsiva.

Quando, todavia, o superego exerce dominação demasiado ampla sobre o ego, com freqüência este último, em suas tentativas de manter o controle por meio do recalque sobre o id e sobre os objetos interiorizados, fecha-se às influências do mundo externo e de seus objetos, despojando-se assim de toda fonte de estímulo que formaria a base dos interesses e realizações do seu ego, tanto dos provenientes do id, como daqueles oriundos de fontes externas.

Nos casos em que o significado da realidade e dos objetos reais, como reflexos do temido mundo interno e das **imagos**, manteve sua preponderância, os estímulos do mundo externo podem ser sentidos de modo quase tão alarmante como a fantasiada dominação dos objetos interiorizados, que tomaram posse de toda a iniciativa e aos quais o ego sente-se compulsoriamente obrigado a submeter a execução de todas as atividades e operações intelectuais, bem como, naturalmente, a respectiva responsabilidade. Em certos casos, graves inibições referentes à aprendizagem se combinam com a conduta intratável, a ineducabilidade e a atitude de 'quem sabe mais'; tenho então constatado que o ego se sente oprimido e paralisado, de um lado, pelas influências do superego, que sente tirânicas e perigosas e, de outro lado, pela sua desconfiança em aceitar as influências dos objetos reais, muitas vezes porque os sente em completa oposição com as exigências do superego, porém, mais freqüentemente, porque estão demasiado identificados com as temidas influências internas. O ego procura então, (por meio da projeção ao mundo externo) demonstrar sua independência das **imagos**, rebelando-se contra todas as influências que emanam dos **objetos reais**. O grau em que se pode conseguir uma redução do sadismo e da ansiedade, como também da atuação do superego, de modo que o ego adquira uma base mais ampla para funcionar, determina o grau de progresso da acessibilidade do paciente à influência do mundo externo, junto com uma progressiva solução das suas inibições intelectuais.

Temos visto que os mecanismos examinados conduzem a certas classes definidas de inibições intelectuais. Mas quando entram num quadro clínico, adquirem o caráter de traços psicóticos. Já sabemos que o medo de John aos caranguejos, como perseguidores internos, era de caráter paranóide. Além disso, esta ansiedade fazia-o fechar-se às influências estranhas, aos objetos e à realidade externa — estado mental este que consideramos como um dos sintomas dos distúrbios psicóticos, embora, neste caso, o resultado principal tenha sido uma diminuição das capacidades intelectuais do paciente. Mas, inclusive em casos como este, o funcionamento de tais mecanismos não se limita à produção de inibições intelectuais; isto se deduz das grandes alterações que se produzem em todo o ser e caráter da pessoa, bem como na diminuição dos traços neuróticos que pode ser observada, à medida que progride a análise da inibição intelectual, especialmente se o paciente é uma criança ou uma pessoa jovem.

No caso de John, por exemplo, pude comprovar que acentuadas apreensões, ocultações e mentiras, bem como intensa desconfiança para com tudo, que eram parte da sua estrutura mental, desapareceram completamente no decurso da sua análise e que tanto o caráter do menino e o desenvolvimento do seu ego sofreram grande mudança para melhor. Neste caso, os traços paranóides se haviam alterado em sua maior parte, até chegar a certas distorções de caráter e inibições intelectuais; mas aconteceu que também haviam causado uma quantidade de sintomas neuróticos.

BIBLIOTECA DO IEPP

Passarei a mencionar mais um ou dois mecanismos de inibição intelectual, desta vez de caráter nitidamente neurótico-obsessivo, que aparecem como resultado da intensa atuação de situações recuadas de angústia. Alternando com a inibição do tipo descrito anteriormente, vemos às vezes o resultado completamente oposto — um desejo de incorporar tudo o que se oferece, junto com a incapacidade de distinguir entre o que tem valor e o que não tem. Em vários casos, notei que estes mecanismos começavam a se estabelecer e a fazer sentir sua influência, quando a análise já conseguira diminuir os mecanismos de tipo psicótico que acabamos de examinar. Este apetite de alimento intelectual, que ocupou o lugar da incapacidade anterior da criança em incorporar alguma coisa, foi acompanhado por outros impulsos obsessivos, especialmente por um desejo de colecionar coisas para acumulação e pela compulsão correspondente de distribuí-las de presente indiscriminadamente, ou seja, de expulsá-las. A incorporação obsessiva deste tipo é, muitas vezes, acompanhada por um sentimento de vazio no corpo, de empobrecimento — sensação esta que meu paciente John costumava ter muito intensamente — e se baseia sobre a ansiedade da criança, provenientes dos níveis mais profundos da sua mente, de que seu interior tenha sido destruído ou esteja cheio de substâncias 'más' e perigosas, que seja pobre em substâncias 'boas' ou que estas faltem por completo. Este material causador de ansiedade sofre muito maior remodelação e alteração pelos mecanismos obsessivos, do que pelos psicóticos.

Minha observação deste caso, assim como de outros casos de neurose obsessiva, levaram-me a firmar conclusões sobre os mecanismos obsessivos especiais, relacionados com o fenômeno da inibição intelectual, de que estamos agora tratando. Antes de enunciá-las rapidamente, gostaria de dizer que, segundo meu modo de pensar, conforme explicarei adiante com pormenores, os mecanismos e sintomas obsessivos em geral servem ao propósito de ligar, modificar e deter a ansiedade pertencente aos níveis mais primitivos da mente, de modo que as neuroses obsessivas estão edificadas sobre a ansiedade das primeiras situações de perigo.

Voltemos ao tema principal: creio que a coleção e acumulação de coisas do menino, compulsiva e quase voraz,

(incluindo o conhecimento como substância), está baseada, entre outros fatores que não precisam ser aqui mencionados, em sua sempre renovada tentativa de (a) apoderar-se de substâncias e objetos 'bons' (em última instância, leite 'bom', fezes 'boas', um pênis 'bom' e filhos 'bons') e, com a sua ajuda, paralisar a ação dos objetos e substâncias 'maus' dentro do seu corpo; e (b) acumular suficientes reservas dentro de si mesmo para ser capaz de resistir aos ataques de seus objetos externos e, se for necessário, restituir ao corpo da mãe, ou aos seus objetos, aquilo que deles roubou. Uma vez que suas tentativas de fazer isto por meio de atos obsessivos estão continuamente perturbadas por emergências de ansiedades vindas de muitas fontes contrárias (por exemplo, sua dúvida sobre o que acaba de incorporar dentro de si é realmente 'bom' e se o que lançou fora é realmente a parte 'má' do seu interior; ou seu temor de que ao pôr mais material dentro de si foi inculpado, uma vez mais de roubar o corpo da mãe) podemos compreender porque está na constante obrigação de repetir suas tentativas e como esta obrigação é, em parte, responsável pelo caráter compulsivo de sua conduta.

No presente caso, já temos visto como, na proporção em que diminuiu a influência do feroz e fantástico superego do menino — em última instância, seu próprio sadismo — perderam sua eficácia os mecanismos que temos reconhecido como psicóticos e que deram origem às suas inibições intelectuais. Parece-me que uma diminuição desta espécie na severidade do superego, enfraquece os mecanismos da inibição intelectual, que são também do tipo neurótico-obsessivo. Se tal for o caso, ficaria demonstrado que a presença de situações precoces de ansiedade excessivamente fortes e a predominância de um superego ameaçador proveniente dos primeiros estágios da sua formação são fatores fundamentais, não somente na gênese da psicose,[8] como também na produção de distúrbios no desenvolvimento do ego e de inibições intelectuais.

[8] Para uma exposição desta teoria, ver os capítulos anteriores intitulados "A personificação nos jogos das crianças" e "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego", bem como minha obra *Psycho-Analysis of Children*.